

Validação de um instrumento sobre diversas perspectivas da morte

JOSÉ BARROS-OLIVEIRA (*)

FÉLIX NETO (*)

Pretende-se analisar as propriedades psicométricas de oito escalas breves ou subescalas sobre diversas perspectivas a respeito da morte: morte como sofrimento e solidão, além-vida de recompensa, indiferença perante a morte, morte como desconhecido, morte como abandono dos que dependem de nós com a consequente culpa, morte como coragem, morte como fracasso, morte como fim natural. Iniciamos com uma introdução teórica sobre a ansiedade face à morte, que de algum modo abrange todos estes aspectos, apresentando depois a teoria de Spilka, Stout, Minton e Sizemore (1977) que esteve na base da elaboração destas oito escalas breves para avaliar diversas perspectivas tanatológicas.

A psicologia, se exceptuarmos a psicanálise, andou durante muito tempo de costas voltadas para a morte, ou porque tivesse medo de a encarar, ou porque o tema era demasiado complexo e pouco empírico, não condicente particularmente com o behaviorismo. Todavia progressivamente

começou a impor-se, devido a muitos factores, não podendo os psicólogos ficar indiferentes ao estudo do comportamento humano frente ao morrer e à morte, e muito especialmente no que respeita à ansiedade ou ao medo da morte, certamente a variável mais estudada. Em Portugal é ainda escassa a investigação neste domínio, salvo algumas excepções, como Abreu (1987), Bracinha Vieira (1987), Coelho (1991), Barros (1998).

Entre as muitas razões por que o tema da morte se foi impondo, é que ela pertence a todas as idades e condições, e está na origem de muitos sintomas e doenças psíquicas, como as insónias, a depressão, doenças psicossomáticas, diferentes medos e obsessões (no fundo, todos os medos são medos da morte). A maior parte do comportamento humano pode ser interpretado em função da morte, embora não exclusivamente: o desejo de ter filhos para se prolongar na espécie, o medo de doenças que traz consigo o fantasma da morte, o fenómeno religioso como desejo de transcendência, etc. A morte tem a ver com o consciente e também com o inconsciente. Não se trata apenas de um facto biológico mas profundamente humano. A aceitação da morte constitui certamente um dos maiores sinais de maturidade humana. Daí a necessidade duma educação sobre a morte, duma *ars moriendi*, porque a morte, paradoxalmente, pode ensinar a viver.

(*) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. E-mails: jbarros@psi.up.pt / fneto@psi.up.pt

Hoje, mais do que nunca, a morte apresenta-se em doses maciças, sobretudo através dos meios de comunicação social, que fazem da guerra ou do terrorismo um 'show'. Não se pode esconder essa realidade, embora, por outro lado, a morte constitua ainda uma espécie de tabu a nível individual, por diversas razões e usando diversos mecanismos para se esconder (cf. Barros, 1998).

Fazendo a morte parte da vida, não podem os psicólogos deixar o seu estudo unicamente aos biólogos e aos médicos, aos filósofos, literatos e artistas, aos teólogos e estudiosos da religião, senão que lhes compete interpretar o fenómeno do ponto de vista psicológico, a nível da Psicologia da Personalidade, da Psicologia Social e ainda da Psicologia da Educação, pois é necessário não apenas aprender a bem viver e a bem comportar-se, que também a bem morrer, podendo falar-se de uma pedagogia tanatológica.

O problema da morte é abordado à luz da psicologia por Jaffé et al. (1995). Kastenbaum e Aisenberg (1972) intitulam o seu livro precisamente *The Psychology of Death* (existe uma edição concisa em português de 1983). Depois de tentarem definir o que é a morte e de apresentarem o conceito de morte dum ponto de vista desenvolvimental, os autores esclarecem melhor o significado da morte falando de animismo, de permanência do eu e do objecto, e ainda de futuridade. Falam do medo ou da ansiedade face à morte, cujo objecto pode ser muito diversificado: o momento da morte, medo da surpresa da morte, o facto de deixar de ser ou de desaparecer, medo do que acontecerá depois da morte, o sofrimento e a angústia que precede a morte, medo de fazer sofrer os que me rodeiam, medo só da minha morte ou então da morte dos meus entes queridos. Muitas circunstâncias estão presentes neste medo e tudo o que ele envolve: o tempo (quando morrerei?), o espaço (onde morrerei?), a probabilidade (embora seja certo que morrerei, isso será dentro de quanto tempo e em que circunstâncias?).

Para muitos autores, a maior parte do comportamento humano pode ser considerado como resposta ao problema da morte (Becker, 1973; Feifel, 1977). Por exemplo, muitas perturbações psicossomáticas ou a depressão. Muitos consideram que se trata de um medo universal e que qualquer medo simboliza, no fundo, o medo à morte (Feifel & Nagy, 1981). As pessoas com

mais medo da morte vêem-na mais negativamente, são assaltados frequentemente com pensamentos acerca da morte e temem mais a morte à medida que vão envelhecendo.

Entretanto, o medo da morte pode não ser norma comum, ao menos a julgar pelo estudo do psicólogo social Kalish (cit. por Kastenbaum & Aisenberg, 1983, p. 66) que conseguiu recolher 323 casos de pessoas que estiveram em vias de morrer. Deste estudo ele concluiu que só 23% se referem ao medo ou ao pânico diante da morte iminente, enquanto os outros 77% não mencionaram tal medo. Cerca de 25% afirmaram-se também destemidos, resignados e ansiosos por morrer e acabar com a situação. Porém, o facto de eventualmente, em situação de morte iminente, a ansiedade não ser dominante, não significa que ao longo da vida não esteja presente.

Os resultados das investigações são discordantes, devido a diversos factores, como a dimensão mais ou menos consciente ou inconsciente deste medo ou ainda as variáveis intervenientes, como a idade, o sexo, a cultura, a religião e outros traços de personalidade. Também os instrumentos usados para avaliar a ansiedade frente à morte podem ser muito diversificados e de natureza uni- ou pluridimensional (cf. Conte, Weiner & Plutchic, 1982; Feifel & Nagy, 1981; Kastenbaum & Costa, 1977; Simões & Neto, 1994; Templer, 1970).

Considerando algumas variáveis, que vão ser controladas também no estudo empírico, quanto à idade, nas crianças, e particularmente nos adolescentes, conforme as diversas circunstâncias, este medo pode ser mais agudo do que nos adultos e mesmo nos idosos. Koocher et al. (1976) concluíram que os alunos do ensino secundário (adolescentes) eram significativamente mais ansiosos a respeito da morte do que os do 3.º ciclo do ensino básico e os adultos, discutindo os resultados em relação ao desenvolvimento adolescente. Há estudos (cf. Barros, 1998; Kastenbaum & Aisenberg, 1983) que indicam que nos adultos o medo da morte não é particularmente agudo e que muitos encaram mesmo a morte «como uma bênção».

Na terceira idade, segundo um estudo de Munnich (cit. por Kastenbaum & Aisenberg, 1983, p. 82), com 100 holandeses idosos, apenas um pequeno número de pessoas temia o fim, sendo a atitude mais frequente a aceitação ou o consenti-

mento, particularmente por parte dos que atingiram uma certa maturidade psicológica, predominando atitudes mais negativas nas pessoas imaturas. Munnich acredita que a finitude é um tema central nas primeiras fases de envelhecimento, de tal modo que poderíamos considerar a velhice como «um adeus antecipado». Outras investigações com idosos sugerem que eles não têm um medo particular à morte (cf. Barros, 1999). Entretanto, normalmente a ansiedade sobre a velhice em confronto com a idade adulta (Barros, 2002). Todavia, outras variáveis podem interferir, como a maturidade. Rasmussen e Brems (1996) constataram que a maturidade psicológica era um preditor melhor da ansiedade face à morte do que a idade, embora esta também se relacionasse com o medo da morte.

No que concerne ao género, em geral os autores não encontraram grandes diferenças, embora alguns (Templer et al., 1971; Lester, 1972) provassem que o sexo feminino tem mais medo da morte particularmente em áreas específicas. Mas em geral as diferenças não são significativas, se bem que se assista em muitas investigações a uma tendência a maior ansiedade tanatológica nas mulheres (Barros, 1998, 2002).

Existem também estudos interculturais sobre a ansiedade da morte. Schumaker et al. (1991), compararam uma amostra de japoneses com australianos, provando que os japoneses são significativamente mais ansiosos face à morte. Considerando o sexo, na amostra japonesa não havia diferenças, mas na australiana, as mulheres eram mais ansiosas do que os homens. Os autores discutem as complexas interações entre cultura e ansiedade da morte e ainda problemas relacionados com o conceito de ansiedade face à morte.

Outros estudos relacionam particularmente a cultura com a religião. Num estudo intercultural e inter-religioso de Parsuram e Sharma (1992), um grupo de hindus manifestava menor ansiedade da morte, seguindo-se um grupo de muçulmanos e de cristãos, manifestando estes maior ansiedade. Os hindus mostravam-se também mais crentes na vida do além, seguindo-se os cristãos e os muçulmanos. Outro estudo intercultural foi realizado igualmente na Índia por Parsuram e Gandhi (1994) analisando a importância da religião na gestão da ansiedade face à morte. Segundo este estudo, os muçulmanos são os que

demonstram uma ansiedade mais baixa face à morte, sendo os cristãos a patentear maior ansiedade. Alguns estudos com povos africanos, designadamente com caboverdianos, mostram uma maior tendência nestes à ansiedade face à morte em relação aos portugueses (Barros, 1998, 2002).

Controlando essencialmente a religião, os resultados não são unânimes. Lester (cit. por Kastenbaum & Aisenberg, 1983, p. 97), examinou dez estudos, com resultados discrepantes, e avançou a conclusão de que «a crença religiosa não afecta a intensidade do medo à morte, mas antes canaliza o medo para os problemas específicos que cada religião propõe». Entretanto, a religião, particularmente se é uma crença interiorizada e vivida, pode ajudar a transcender ou a sublimar o medo à morte e, em graus extremos, pode levar mesmo o crente a desejar morrer para se encontrar com a divindade. Exemplo típico no cristianismo é S. Paulo e tantos outros santos que desejavam morrer para estar com Cristo. Powell e Thorson (1991) constataram uma correlação positiva entre ansiedade face à morte e uma alta motivação religiosa intrínseca. Outros autores também verificaram que a religião correlaciona com o medo da morte (cf. Hoelter et al., 1979). Porém, Rasmussen e Johnson (1994), não encontraram uma correlação positiva entre a ansiedade da morte, a espiritualidade e a religiosidade. Um estudo de McIntosh et al. (1993) em geral confirmou que os pais, a quem tinha morrido um filho, conseguiam suportar melhor a situação à luz da fé religiosa, embora seja necessário considerar outras variáveis intermediárias e diversos aspectos e atitudes face à religião.

Entre as variáveis estudadas em correlação com a ansiedade face à morte, contam-se ainda várias dimensões personológicas, consideradas muitas vezes em interacção com as anteriores ou com outras, como o sentido da vida e do bem-estar. Os estudos parecem bastante conclusivos em relação a algumas variáveis ligadas à experiência da vida e ao meio social de inserção, e ainda a algumas características de personalidade neurótica e psicopatológica, concluindo-se que uma elevada ansiedade da morte pode reflectir preocupações neuróticas relacionadas de modo especial com sintomas somáticos. O medo da morte também pode exprimir uma síndrome depressiva, particularmente nas pessoas idosas. Davis et al. (1992) procederam a um estudo relacio-

nando diversas variáveis, como a solidão, o optimismo, o pessimismo e a ansiedade da morte. Ao contrário do previsto, a ansiedade face à morte não correlacionou significativamente com essas variáveis. Todavia, White e Handal (1991) provaram que as pessoas com alta ansiedade da morte viviam mais abatidas e menos satisfeitas com a vida do que aquelas que tinham uma baixa ansiedade.

Quanto à avaliação do medo da morte ou de outros aspectos da morte, muitas das investigações mostraram-se inconclusivas, devido em grande parte à diversidade de escalas usadas (uni ou plurifactoriais) e das amostras. Entre os diversos questionários usados, sobressai o de Conte, Weiner e Plutchic (1982), denominado *Death Anxiety Questionnaire* (DAQ). Os autores defendem a sua validade e fidelidade. Todavia, não é clara a sua estrutura factorial e isso reflecte-se também na adaptação da escala a Portugal (Simões & Neto, 1994); estes autores encontraram três factores. Numa nova readaptação da escala, foram suprimidos alguns itens e a escala foi considerada unifactorial (Barros, 1998).

Outros autores, querendo avaliar diferentes atitudes frente à morte, criaram diversos instrumentos, como é o caso de as *Death Perspective Scales* de Spilka, Stout, Minton e Sizemore (1977), que identificam várias reacções emotivas, umas negativas, outras positivas, experimentadas por quem pensa na morte. São oito subescalas que avaliam os diferentes aspectos das reacções emotivas frente à ideia da (própria) morte. Os autores pretenderam avaliar a verdadeira natureza multidimensional dos sentimentos experimentados acerca da morte, opondo-se à focagem usual sobre a ansiedade ou o medo da morte, cientes de que a morte (como a religião) são domínios multidimensionais. As oito escalas breves (cf. Apêndice) variam entre 6 e 4 itens, num total de 43, a responder num formato Likert (de 1 a 6). Iniciam do mesmo modo: *A morte como...* Alguns itens exigem certa cultura para serem respondidos, não facilitando o seu uso a gente inculta ou jovem. O artigo de Spilka et al. (1977) é muito citado, embora as escalas sejam menos usadas.

Na avaliação da fidelidade das escalas, os autores encontraram um coeficiente K-R 20 entre .71 e .79. Para avaliar a validade da escala, usa-

ram outras escalas e pessoas religiosas, concluindo pelo bom funcionamento da escala. Outros estudos, feitos particularmente por Schoenrade (1989), obtiveram resultados relativamente consistentes com os encontrados por Spilka et al. (1977) (cf. a apresentação desta escala feita por Casebolt, 1999, pp. 439-442).

Considerando tratar-se de um instrumento útil para avaliar um quadro bastante abrangente de atitudes ou reacções frente à morte, resolvemos estudar as características psicométricas destas escalas breves, na tentativa da sua adaptação em português.

MÉTODO

Participantes

A amostra total consta de 387 sujeitos, distribuídos por quatro subamostras: 1.^a: 102 freiras de diversos Institutos Religiosos em Portugal (média de idade: 54 anos, entre os 25 e os 84 anos); 2.^a: 77 estudantes de teologia de diversos Seminários Maiores Portugueses (média de idade: 21 anos, entre os 18 e os 28); 3.^a: 110 estudantes da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto (média de idade: 22 anos, entre os 18 e os 40; 58 eram rapazes e 52 raparigas; 4.^a: 98 professores do ensino básico e secundário de diversos Colégios da região do Porto (média de idade: 35 anos, entre os 25 e os 60 anos; 46 homens e 52 mulheres).

Medidas

Os participantes respondiam inicialmente, além da recolha de dados sociodemográficos, a duas perguntas em formato dicotómico: Pertence a alguma religião? e É praticante?. Seguiam-se as oito escalas sobre as diversas perspectivas sobre a morte de Spilka et al. (1977) de formato Likert com 6 modalidades, em análise (cf. Apêndice); e ainda, para verificar o seu comportamento psicométrico, particularmente a sua correlação com outros construtos, passaram-se outras escalas, todas em formato Likert com cinco modalidades (desde totalmente em desacordo a total-

mente de acordo) e que manifestam razoáveis propriedades psicométricas: *ansiedade face à morte* (Barros, 1998); *neuroticismo* (Barros, 1999); *solidão*, de Russell et al. (1978), adaptada para a população portuguesa por Neto (1989, 1992); *optimismo* (Barros, 1998); *satisfação com a vida*, da autoria de Diener et al. (1985), adaptada por Neto, Barros e Barros (1990) para a população portuguesa; *felicidade* (Barros, 2001).

Procedimento

Este trabalho de campo foi realizado no 1.º trimestre de 2002 em Portugal. Os questionários eram distribuídos aos interessados que os preenchiam no tempo mais aprazado, entregando posteriormente. Os alunos da Faculdade de Ciências do Desporto preencheram-nos nas aulas, na presença de professores previamente contactados.

RESULTADOS

As características psicométricas das escalas foram verificadas na amostra total, para não alongar o trabalho e uma vez constatado que era pouco significativa a diferença no comportamento estatístico em cada uma das amostras parciais. Limitar-nos-emos a observar, através da análise de variância, se há diferenças significativas entre os diversos grupos.

Para verificar a estrutura factorial das escalas, procedeu-se, antes de mais, a uma análise factorial ortogonal em componentes principais, aparecendo 9 factores com *engenvalues* superiores a 1, mas realçando-se o primeiro com 8.5 explicando só por si 20% da variância total, denotando a tendência da escala para a unifactoriedade (diversas perspectivas sobre a morte, mas sempre com o mesmo construto em causa – a morte). Entretanto, seguindo a teoria dos autores, consideramo-la octofactorial e por isso rodamos apenas oito componentes. Os valores de cada factor conforme os diversos itens constam no Quadro 1.

Como se pode verificar, todas as saturações são superiores a .60 e muitas superiores a .70 e mesmo a .80, salvo duas no 6.º factor com saturação superior a .50 e uma no 8.º inferior a .50, mas que não saturam significativamente em nenhum dos outros factores. Prova-se por isso a

teoria dos autores, tratando-se de escalas com boa estrutura factorial.

A consistência interna das escalas, verificada através do coeficiente alfa de Cronbach, deu os seguintes valores, respectivamente do primeiro ao oitavo factor: .83, .94, .84, .86, .83, .83, .87, .78. São valores realmente elevados, considerando que se trata de escalas muito breves (a última apenas com 4 itens).

Pretendendo verificar a validade concorrente e discriminante, procedeu-se à correlação das oito subescalas entre si e com outras escalas que avaliam construtos próximos (ansiedade face à morte, solidão, neuroticismo), ou diferentes (optimismo, satisfação com a vida, felicidade). No Quadro 2 apresentam-se os respectivos valores.

Quanto às correlações das oito subescalas entre si, assiste-se a bastantes correlações significativas, como era de esperar, dando a entender que se trata de atitudes parecidas frente à morte mas não idênticas. Note-se particularmente a elevada correlação entre a 2 (crença no Além) e a 6 (coragem na morte). Acima de .30 temos ainda a correlação da 1 (sofrimento e solidão na morte) com a 5 (abandono com culpa) e 7 (morte como fracasso). A subescala 4 (morte como desconhecido) correlaciona também significativamente com a 5 (abandono) e a 7 (fracasso).

Quanto à correlação das diversas subescalas de perspectivas em relação à morte com outras escalas, olhando na vertical, cinco escalas breves correlacionam, positiva ou negativamente, com a escala de ansiedade face à morte, como seria de esperar. Quatro delas correlacionam também com a solidão e três com o neuroticismo. Quanto às emoções positivas, verificam-se mais correlações com o optimismo, seguindo-se a satisfação com a vida e a felicidade. Numa perspectiva horizontal, verifica-se que é a 1.ª escala (morte como dor e solidão) que correlaciona significativamente, positiva ou negativamente, com todas as outras, particularmente com a solidão, como era de esperar, o que atesta a sua validade convergente e discriminante. Segue-se a 8.ª (morte como fim natural) que correlaciona positivamente com as três emoções positivas, designadamente com a satisfação com a vida e ainda, negativamente, com a solidão. Significa isso que, a pessoa que aceita a morte como coisa natural, vive mais satisfeita e experimenta menos a solidão. As outras subescalas apresentam poucas ou ne-

QUADRO 1

Saturação dos diversos factores (1 = dor e solidão; 2 = vida do Além; 3 = indiferença; 4 = desconhecido; 5 = abandono; 6 = coragem; 7 = fracasso; 8 = fim natural) em cada um dos itens (as subescalas 1, 2, 4, 6 constam de seis itens; as subescalas 3, 5, 7 de cinco; a 8.ª de quatro itens apenas).

1.º factor	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º
.73							
.69							
.82							
.61							
.81							
.61							
	.82						
	.84						
	.86						
	.83						
	.83						
	.85						
		.73					
		.80					
		.78					
		.67					
		.82					
			.71				
			.71				
			.71				
			.76				
			.77				
			.72				
				.67			
				.64			
				.76			
				.67			
				.76			
					.71		
					.81		
					.57		
					.51		
					.61		
					.77		
						.65	
						.68	
						.78	
						.80	
						.78	
							.79
							.48
							.89
							.83

QUADRO 2

Correlações entre as oito subescalas de perspectivas sobre a morte entre si e com as escalas de ansiedade face à morte, solidão, neuroticismo, optimismo, satisfação com a vida e felicidade

Esc.	1. ^a	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a	6. ^a	7. ^a	8. ^a
1. ^a	-							
2. ^a	.15**	-						
3. ^a	.06	-.23***	-					
4. ^a	.15**	-.20***	.24***	-				
5. ^a	.31***	-.19***	.24***	.38***	-			
6. ^a	.16**	.54***	-.14**	-.11*	-.05	-		
7. ^a	.31***	-.27***	.22***	.36***	.07	-.05	-	
8. ^a	.01	.03	-.06	.26***	.01	.07	.05	-

Esc.	Ansiedade	solidão	neuroticismo	optimismo	satisfação vida	felicidade
1. ^a	.18***	.23***	.21***	-.20***	.10*	-.18***
2. ^a	-.15**	.07	.12*	-.03	.11*	-.05
3. ^a	.03	.04	-.03	-.02	-.08	.05
4. ^a	.21***	-.02	.01	.04	-.02	.03
5. ^a	.41***	.14**	.06	-.10*	-.08	-.08
6. ^a	.01	.04	.15**	.01	.01	-.02
7. ^a	.37***	.15**	.08	-.12*	-.08	-.08
8. ^a	.01	-.15**	-.05	.14**	.42***	.11*

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

nhumas correlações, sendo a 3 (indiferença frente à morte) e a 5 (morte como abandono dos entes queridos) as menos correlacionadas.

Dado o bom funcionamento estatístico das escalas, procedeu-se ainda a uma análise de variância (*oneway*) para verificar se havia diferenças significativas entre os quatro grupos (1.^o = freiras; 2.^o = seminaristas; 3.^o = estudantes; 4.^o = professores), em cada uma das subescalas, cujos resultados constam no Quadro 3.

Em todas as escalas breves sobre a morte, salvo na primeira e na última, se assiste a diferenças altamente significativas entre os diversos grupos. Na 2.^a escala são as freiras que mais

acreditam na vida do Além como recompensa, seguindo-se os seminaristas, sendo estes dois grupos religiosos muito mais crentes do que os leigos (professores e alunos), onde os jovens se manifestam ainda como mais descrentes numa vida além da morte, o que confirma a literatura. Na 3.^a foram os estudantes universitários e os professores a manifestar significativamente maior indiferença face à morte. Na 4.^a foram novamente os leigos, e em particular os alunos, a ver a morte como algo desconhecido, o que também era de esperar, uma vez que se apresentam mais descrentes. Na 5.^a são novamente os professores e os alunos a julgar mais significativamente a morte como abandono dos que dependem de nós,

QUADRO 3
Médias, desvios-padrão, graus de liberdade, valor do F e do p

Esc.	Grupo	Médias	Desvios-padrão	g.l.	F	Sig.
1	1	15.7	7.5	3/383	2.2	n.s.
	2	14.5	6.9			
	3	14.1	6.4			
	4	14.8	6.9			
2	1	33.1	4.7		110.1	.0001***
	2	20.8	5.1			
	3	17.7	6.8			
	4	23.3	7.5			
3	1	10.4	5.5		14.7	.001***
	2	10.6	4.7			
	3	15.3	6.0			
	4	14.4	5.3			
4	1	25.6	7.7		15.5	.001***
	2	24.2	5.7			
	3	31.6	6.5			
	4	28.0	7.9			
5	1	10.0	5.5		21.1	.001***
	2	8,8	5.3			
	3	13.8	5.6			
	4	15.0	6.6			
6	1	23.9	6.4		25.3	.001***
	2	22.5	5.4			
	3	16.0	7.3			
	4	17.1	7.4			
7	1	9.8	6.5		16.2	.001***
	2	8.4	4.0			
	3	13.8	6.1			
	4	14.1	5.7			
8	1	20.6	4.2		1.9	n.s.
	2	19.4	3.4			
	3	19.9	4.1			
	4	19.5	4.1			

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

sentindo-se por isso mais culpados, o que parece lógico, na sequência do anterior. Na 6.^a foram as freiras e os seminaristas a considerar mais a morte como algo a encarar com coragem. Na 7.^a os professores e os alunos encaram mais significativamente a morte como fracasso, uma vez que têm menos fé na vida eterna. A maior parte destes resultados podem ser considerados naturais, embora alguns sejam mais problemáticos: por exemplo, parecia natural que fossem as pessoas que professam expressamente a religião a manifestar maior indiferença frente à morte, o que não aconteceu. Note-se que estes resultados podem estar de algum modo enviesados, visto não terem sido consideradas as possíveis interações entre grupo, sexo e prática religiosa. Todavia, dadas as características diferentes de cada uma das subamostras, sobretudo a 1.^a (de freiras – sexo feminino e todas praticantes) e a 2.^a (de seminaristas – sexo masculino e todos praticantes) não se avançou com outras análises para ver se existiam efeitos significativos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A análise factorial da escala, constituída por oito subescalas, demonstrou claramente os oito componentes distintos, como aconteceu no estudo feito pelos autores, com saturações elevadas e que não saturavam significativamente em nenhum dos outros factores. Prova-se por isso a sua boa estrutura factorial.

A consistência interna de cada uma das oito escalas breves ou subescalas, também foi provada, apresentando alfas elevados, considerando que se trata de escalas muito breves. Como nos resultados apresentados pelos autores, a segunda escala (vida do Além) é a que apresenta valores mais elevados. Confirma-se assim a boa fidelidade das escalas.

Através da correlação das oito subescalas entre si e com outras escalas que avaliam construtos próximos ou diferentes pôde verificar-se a validade concorrente e discriminante das diversas escalas sobre diferentes perspectivas acerca da morte. As diversas correlações e a sua grandeza coincidem em grande parte com o que *a priori* se poderia esperar e com o que efectivamente encontraram os autores.

Dadas as boas características psicométricas

deste instrumento na sua aferição portuguesa, contrastaram-se os quatro grupos da amostra. Constatou-se que as pessoas religiosas, como são por profissão as freiras e os seminaristas, têm essencialmente perspectivas diferentes quanto à morte em relação às pessoas leigas, mesmo que eventualmente sejam crentes, o que não foi controlado. O resultado mais altamente significativo verifica-se na crença no Além ou na vida para além da morte, onde excelem as pessoas religiosas por crença e função. Se bem que não possamos confrontar este estudo com outros similares, pois são raras as amostras com freiras e com seminaristas (o que acrescenta alguma novidade e mérito a este trabalho), alguns estudos apontados na introdução teórica vão no sentido de uma maior religiosidade suportar melhor a morte. Quanto ao género, não foi contrastado dado que não era possível fazê-lo nos dois primeiros grupos e nos outros dois (de estudantes e professores) a amostra era relativamente pequena. Podemos supor, como nalguns estudos apresentados na introdução, que não haveria diferenças significativas (Barros, 1998).

Em conclusão, o nosso objectivo principal – observar o comportamento psicométrico das oito escalas breves ou subescalas – foi atingido, podendo constatar-se uma boa arrumação dos oito factores e uma boa consistência interna das escalas. Trata-se assim de uma escala octofactorial com boa fidelidade. Das diversas correlações com outros construtos mais ou menos próximos, também se pode inferir da validade suficiente deste construto. Assim, estas oito subescalas parecem possuir boas propriedades psicométricas, podendo ser úteis para avaliar as diversas perspectivas sobre a morte a que dizem respeito e que é importante poder controlar, dada a complexidade de sentimentos frente à morte, para além da ansiedade, mais comumente estudada. Estas escalas breves podem ser usadas conjuntamente ou então apenas algumas, conforme os interesses do investigador.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M. V. (1987). A pluridimensionalidade psicológica da morte. *Revista de História das Ideias*, 9, 828-839.

- Barros, J. (1998). *Viver a morte – Abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Almedina.
- Barros, J. (1998). Optimismo: Teoria e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, 2 (2), 295-308.
- Barros, J. (1999). Neuroticismo: teoria e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, 3 (1), 129-144.
- Barros, J. (2001). Felicidade: Natureza e avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura*, 5 (2), 289-318.
- Barros, J. (2002). Ansiedade face à morte: Uma abordagem diferencial. *Psychologica*, 31, 161-176.
- Becker, E. (1973). *The denial of death*. New York: Free Press.
- Berman, A., & Hays, J. (1973). Relation between death anxiety, belief in afterlife, and locus of control. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 41 (2), 318.
- Bracinha Vieira, A. (1987). Da morte e do morrer. *Psicologia*, 5 (2), 139-145.
- Casebolt, J. (1999). Scales of Death Afterlife, Wiew of. In P. Hill, & R. Hood (Eds.), *Measures of Religiosity* (pp. 431-445). Birmingham, AL: Religious Education Press.
- Coelho, A. (1991). *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva.
- Conte, H., Weiner, M., & Plutchic, R. (1982). Measuring death anxiety: Conceptual, psychometric and factor-analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (4), 775-785.
- Davis, S. et al. (1992). The relationship between optimism-pessimism, loneliness and death anxiety. *Bulletin of Psychonomic Society*, 30 (2), 135-136.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Grifflins, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49 (1), 71-75.
- Feifel, H. (Ed.) (1977). *New meanings of death*. New York: McGraw-Hill.
- Feifel, H., & Nagy, T. (1981). Another look at fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49 (2), 278-286.
- Hoelter, J., & Epley, R. (1979). Religious correlates of fear of death. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 18, 404-411.
- Houran, J. (1997). Preliminary study of death anxiety of believers versus percipients of the paranormal. *Psychological Reports*, 80, 345-346.
- Jaffé, A., Frey-Rohn, L., & von Franz, M.-L. (1995). *A Morte à luz da Psicologia* (10.^a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Kastenbaum, R., & Aisenberg, R. (1972). *The Psychology of Death*. New York: Springer (trad. brasileira: *Psicologia da morte*. Ed. Univ. São Paulo: Novos Ubrais, 1983).
- Kastenbaum, R., & Costa, P. (1977). Psychological perspectives on death. *Annual Review of Psychology*, 28, 225-249.
- Klug, L., & Sinha, A. (1987). Death acceptance: A two-component formulation and scale. *Omega*, 18 (3), 229-235.
- Koecher, G., O'Malley, J., Foster, D., & Gogan, J. (1976). Death anxiety in normal children and adolescents. *Psychiatry Clinica*, 9, 220-229.
- Lester, D. (1967). Fear of death of suicidal persons. *Psychological Reports*, 20, 1077-1078.
- Lester, D. (1972). Studies in death attitudes (part two). *Psychological Reports*, 30, 440.
- McIntosh, D. et al. (1993). Religion role in adjustment to a negative life event: coping with the loss of a child. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66 (5), 812-821.
- Neto, F. (1989). A escala de solidão da UCLA: Adaptação portuguesa. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.
- Neto, F. (1992). *Solidão, embaraço e amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida et al. (Eds.), *A acção educativa: análise psicossocial* (pp. 105-117). Leiria: ESEL/APPORT.
- Osarchuk, M., & Tatz, S. (1973). Effect of induced fear of death on belief in afterlife. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27 (2), 256-260.
- Parsuram, A., & Gandhi, P. (1994). Beliefs and death anxiety. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*, 20, 145-152.
- Parsuram, A., & Sharma, M. (1992). Functional relevance of belief in life after death. *Journal of Personality and Clinical Studies*, 8, 97-100.
- Powell, F., & Thorson, J. (1991). Constructions of death among those high in intrinsic religious motivation: a factor analytic study. *Death Studies*, 15, 131-138.
- Rasmussen, C., & Brems, C. (1996). The relationship of death anxiety with age and psychological maturity. *Journal of Psychology*, 130 (2), 141-144.
- Rasmussen, C., & Johnson, M. (1994). Spirituality and religiosity: Relative relationship to death anxiety. *Omega Journal of Death and Dying*, 29, 313-318.
- Schumaker, J. et al. (1991). Death anxiety in Japan and Australia. *Journal of Social Psychology*, 131 (4), 511-518.
- Ray, J., & Najman, J. (1974). Death anxiety and death acceptance: A preliminary approach. *Omega*, 5 (4), 311-315.
- Ray, J., & Najman, J. (1987). Neoconservatism, mental health and attitude to death. *Personality and Individual Differences*, 8 (2), 277-279.
- Russel, D., Perpalu, L., & Ferguson, M. (1978). Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, 42, 290-294.
- Simões, A., & Neto, F. (1994). Ansiedade face à morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28 (1), 79-96.
- Spilka, B., Stout, L., Minton, B., & Sizemore, D. (1977). Death and personal faith: A psychometric investigation. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 16, 169-178.

- Schoenrade, P. (1989). When I die I belief in afterlife as a response to mortality. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 15 (1), 91-100.
- Schumaker, J. et al. (1991). Death anxiety in Japan and Australia. *Journal of Social Psychology*, 131 (4), 511-518.
- Templer, D. (1970). The construction and validation of a death anxiety scale. *The Journal of General Psychology*, 82, 165-177.
- Templer, D., Ruff, C., & Franks, C. (1971). Death anxiety: age, sex and parental resemblances in diverse population. *Developmental Psychology*, 4, 108.
- White, W., & Handal, P. (1991). The relationship between death and mental health distress. *Omega Journal of Death and Dying*, 22, 13-24.

RESUMO

Spilka et al. (1977) construíram e estudaram um questionário contendo oito escalas breves que avaliam outras tantas perspectivas face à morte – *Death perspectives scales*. Estas escalas foram traduzidas para português e estudadas as suas características psicométricas numa amostra diversificada de 387 sujeitos, incluindo quatro grupos: freiras, seminaristas, estudantes universitários e professores. Estas escalas manifestaram possuir, na tradução e adaptação portuguesa, uma boa estrutura psicométrica e uma boa consistência interna, além de suficiente validade concorrente e discriminante, podendo assim constituir um instrumento válido para avaliar diversas perspectivas em relação à

morte em diversos grupos. Neste estudo, os dois grupos de religiosos, em confronto com outros dois grupos não religiosos, avantajaram-se quanto à sua capacidade de interpretar e de lidar com a morte, manifestando particularmente uma maior crença na vida para além da morte.

Palavras-chave: Morte, perspectivas sobre a morte, religião, personalidade.

ABSTRACT

Spilka et al. (1977) constructed and studied a questionnaire containing eight short scales which assess a range of possible perspectives on death – so-called Death perspective scales. These scales were translated into Portuguese and their psychometric characteristics were studied with a sample of 387 subjects, comprising four groups: nuns, seminarians, university students and teachers. These scales showed, in the Portuguese translation and adaptation, good psychometric structure and internal consistency in addition to sufficient validity and discriminative power. They constitute, therefore, a valid instrument to assess diverse perspectives in relation to death in different groups. In this study, two religious groups in comparison with two non-religious groups displayed a higher capacity to interpret and cope with death, showing in particular a stronger belief in life after death.

Key words: Death, perspectives on death, religion, personality.

APÊNDICE

ESCALAS BREVES SOBRE DIVERSAS PERSPECTIVAS DA MORTE

Apresento-lhe algumas escalas sobre situações da vida e da morte para serem preenchidas. Os questionários são *anónimos* e por isso pode usar de toda a *sinceridade*. Responda a *todas* as perguntas conforme aquilo que realmente se adapta ao seu caso e não como gostaria de ser. Não há respostas boas ou más; todas são boas desde que sinceras.

Idade _____ (anos) Sexo: Masc. / / Fem. / /

Habilitações literárias (formação):

Ensino básico (1.º ciclo – 4.ª classe) / /; ensino básico (2.º/3.º ciclo – até 9.º ano) / /

Ensino secundário (ou profissional) / /; bacharelato ou licenciatura / /

Profissão _____

(Em todas as perguntas seguintes, faça um círculo à volta do número (marque *só um* em cada pergunta, mas não esqueça nenhuma) que *melhor* corresponda ao seu caso, conforme este significado (se se enganar, risque o erro e marque bem o número que pretende):

1 = *totalmente em desacordo*

2 = *bastante em desacordo*

3 = *um pouco em desacordo*

4 = *um pouco de acordo*

5 = *bastante de acordo*

6 = *totalmente de acordo*

A morte é:

- | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. O último momento de agonia | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. O fim de um tempo de isolamento | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. A última miséria | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. O destino de cair na berma da estrada | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. A última angústia e tormento | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. Uma experiência de solidão no momento da morte | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

- | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1. A entrada num lugar de total satisfação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. Um limpar e renascer de si mesmo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. A própria ressurreição e recompensa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. União com Deus e eterna ventura | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Oportunidade de deixar esta vida em troca de outra melhor | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6. A porta de entrada no céu e na felicidade plena | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

- | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Pouco importante tendo em conta tudo o resto | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2. De poucas consequências | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3. Algo a que devemos ficar indiferentes e esquecer | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4. Nem temida nem benvinda | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5. Coisa indiferente de uma forma ou de outra | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

1. A maior das incertezas	1 2 3 4 5 6
2. O maior dos mistérios	1 2 3 4 5 6
3. O fim do conhecido e o princípio do desconhecido	1 2 3 4 5 6
4. Algo sobre que devemos dizer ‘não sei’	1 2 3 4 5 6
5. Um ponto de interrogação	1 2 3 4 5 6
6. A maior ambiguidade entre as complexidades da vida	1 2 3 4 5 6
1. Deixar os que dependem de nós sujeitos às dificuldades da vida	1 2 3 4 5 6
2. Abandonar aqueles que amamos	1 2 3 4 5 6
3. Razão para se sentir culpado por não poder continuar a ajudar a família	1 2 3 4 5 6
4. Razão para se sentir culpado	1 2 3 4 5 6
5. Deixar a família entregue à sua sorte	1 2 3 4 5 6
1. Uma oportunidade para provar que lutámos por algo na vida	1 2 3 4 5 6
2. Uma ocasião para mostrar como podemos enfrentar o último teste da vida	1 2 3 4 5 6
3. Um grande momento de verdade para si mesmo	1 2 3 4 5 6
4. Uma oportunidade para uma grande realização	1 2 3 4 5 6
5. Um tempo para recusar a humilhação ou a derrota	1 2 3 4 5 6
6. Um teste ao compromisso em relação aos valores pessoais da vida	1 2 3 4 5 6
1. Um acontecimento que impede a realização do potencial pessoal	1 2 3 4 5 6
2. O fim das nossas esperanças	1 2 3 4 5 6
3. O falhanço pessoal na procura do sentido da vida	1 2 3 4 5 6
4. A destruição da última oportunidade de plena realização	1 2 3 4 5 6
5. A derrota na luta por ser bem sucedido e alcançar os objectivos	1 2 3 4 5 6
1. Uma experiência que chega a todos devido à passagem natural do tempo	1 2 3 4 5 6
2. O acto final de harmonia com a existência	1 2 3 4 5 6
3. Um aspecto natural da vida	1 2 3 4 5 6
4. Parte do ciclo da vida	1 2 3 4 5 6

Na escala 1 (morte como sofrimento e solidão), o máximo de pontuação é 36; na escala 2 (morte como vida do Além de recompensa), também 36; na escala 3 (indiferença frente à morte), 30; na escala 4 (morte como desconhecido), 36; na escala 5 (morte como abandono dos que dependem de nós com culpabilidade), 30; na escala 6 (morte como coragem), 36; na escala 7 (morte como fracasso), 30; na escala 8 (morte como fim natural), 24